

LITERATURA E IMPRENSA: BARRETO E BILAC ENTRE A ARTE E O OFÍCIO
LITERATURE AND THE PRESS: BARRETO AND BILAC BETWEEN THE ART AND THE PROFESSION

*Radamés Vieira Nunes**

Resumo

O encontro entre literatura e imprensa, na virada do século XIX para o século XX, transformou o escritor em profissional, ou em escritor-jornalista. Viver da pena só foi possível, ou começava a se tornar, na produção literária feita para imprensa e não fora dela. Olavo Bilac e Lima Barreto atuaram ativamente nesse período como homens de letras, ambos escreveram crônicas para diversos periódicos. Material privilegiado para perscrutar o debate sobre a profissionalização do trabalho intelectual.

Palavras-chave: jornalismo, crônicas, profissão

Abstract

The relation between literature and the press, in the end of the nineteenth century and in the beginning of the twentieth century, transformed the writer into a professional, or into writer-journalist. Living as a writer-journalist became possible after the literature produced by the press. Olavo Bilac and Lima Barreto worked actively in this period, because they both wrote chronicles for several periodicals. Privileged material looks carefully the debate about the professionalization in brainwork.

Keywords: journalism, chronicles, profession

* Professor de História da UFT e Doutorando em História pela UFU. radamesnunes@yahoo.com.br

O período do final do século XIX aos anos 1920, protagonizado por uma leva de letrados que atuaram durante a República Velha, é caracterizado pelo desaparecimento gradual da famosa geração de 1870, ou seja, os introdutores do Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, e pelo florescimento do movimento Modernista de 1922. Esse período, considerado comumente por alguns como intermediário (pós-romantismo ou pré-modernismo), é o mais relevante para se entender a profissionalização do trabalho intelectual. Barreto e Bilac são dois escritores interessantes para perseguir essa discussão, pois ambos atuaram ativamente nesse contexto, Olavo Bilac como uma figura mais próxima da geração de 1870 e Barreto mais próximo aos modernistas, ou pelo menos mais adjacente da linguagem estética

emplacada como dominante pela vitória política do movimento modernista. Ambos tiveram a maior parte de suas produções nesse *intermezzo*, Bilac como um dos detentores da autoridade intelectual e Barreto como um subalterno da literatura, que apenas foi reconhecido postumamente, embora tenha, pelo jornalismo, minimizado sua marginalização social.

Lima Barreto e Olavo Bilac exemplificam a complexidade do processo de profissionalização do intelectual de letras a partir dos impressos, no eufórico período de que estamos tratando. O jornalismo foi uma instituição legitimadora do fazer literário, um meio capaz de tornar alguém um representante literário e intelectual da sociedade.

No entanto, o jornalismo no início do século XX cumpria a função de dar visibilidade ao escritor, mas ao mesmo tempo o desvalorizava,

pois nele o texto era algo encomendado, uma escrita paga e apressada feita na urgência característica da imprensa. Escrita ágil e efêmera que contrastava com os padrões estéticos da literatura no momento, predominantemente parnasiana e amante da destreza verbal. O que era considerado superior, intelectual e literariamente, opunha-se às simplificações da crônica, especialmente porque a produção de um cronista quase sempre é feita para cumprir uma exigência, uma demanda, é o resultado de uma encomenda feita pelo jornal ou pelas instâncias dominantes ligadas a ele, principalmente, aquelas produzidas para os periódicos de maior destaque e aceitação na sociedade.

Ao observar os periódicos e os intelectuais das letras naquele período, percebemos que havia uma relação de troca entre eles. Na imprensa, os

intelectuais tinham a possibilidade de divulgar suas idéias, tornarem-se conhecidos do público, ganhando prestígio social, aumentando também a aceitação de sua produção fora do jornalismo. Em contrapartida, beneficiavam a imprensa com textos atraentes que repercutiam em vendas. Nessa relação, ambos os lados beneficiavam-se. O encontro entre literatura e imprensa transformou o escritor em profissional, ou em escritor-jornalista. Não é fácil encontrar algum escritor entre 1890 a 1920 que tenha vivido apenas da literatura, os literatos sempre se dedicavam a outra atividade, seja ela intelectual ou não; normalmente ligavam-se também à política, à educação ou à administração pública. Viver da pena só foi possível, ou começava a se tornar, na produção literária feita para imprensa e não fora dela. De acordo com Sergio Micelli:

O que fora para alguns escritores românticos (por exemplo, Alencar e Macedo) uma atividade e uma prática “tolerada”, tornando-se depois para certos elementos da geração de 1870 (por exemplo, Machado de Assis) uma atividade regular que lhes propiciava uma renda suplementar cada vez mais indispensável, torna-se a atividade central do grupo dos ‘anatolianos’¹ (MICELLI, 1977, p. 72)

Para se ter uma idéia, na primeira década do século XX, Bilac recebia salário mensal pelas crônicas que publicava na *Gazeta de*

1 O termo *anatolianos*, utilizado por Micelli, serve para identificar os polígrafos profissionais, aqueles que viviam dos ganhos retirados da sua produção e que se envolviam com as novas atividades abertas aos homens de letras. O termo foi inspirado em Anatole France, um escritor francês em quem os escritores se inspiravam. Ele representava o modelo intelectual ao qual se referiam de modo mais insistente, os cronistas brasileiros desejavam estar sintonizados com a sua perspectiva literária.

Notícias. Em outros periódicos, recebia bom preço pelas colaborações. Bilac ganhou dinheiro vendendo seu talento a outras áreas: trabalhou no serviço público, escreveu livros didáticos, versos-reclame, legenda para fitas de cinema, participou de campanhas como a do Serviço Militar Obrigatório, entre outros. Mas foi o jornalismo a principal fonte de renda durante a vida do escritor, era essa a única área de maior estabilidade e possibilidade real para fazer carreira. Foi o jornalismo também que abriu as portas para algumas dessas outras possibilidades de profissionalização aos escritores da época.² Neste período, o jornalismo não é apenas uma atividade secundária ou complementar, ela tornou-se, para a maioria dos escritores, atividade principal, especialmente pelo prestígio que esse

2 Sobre isso ver: DIMAS, 1996 e SUSSEKIND, 1987. p. 74.

espaço poderia proporcionar.

Lima Barreto também recebeu pelos trabalhos que realizou para imprensa, embora com um diferencial: buscava mais os benefícios simbólicos que o jornal poderia lhe proporcionar do que benefícios financeiros. No início de sua carreira, não fazia sequer questão de receber, queria apenas ser publicado, pois sabia que esse era o caminho para realizar seu sonho de se tornar um escritor renomado. No entanto, sempre que precisava de dinheiro para completar seu orçamento, recorria aos periódicos, onde alcançou modesta popularidade. Em razão dos seus polêmicos romances, colaborou eventualmente em jornais e revistas conhecidos, como *O País* e *A Notícia*, recebendo boa quantia pelas crônicas e artigos. A partir de 1915, tornou-se redator efetivo da revista *Careta*, com salário

mensal fixo. Contudo, sua atuação no jornalismo se deu principal e majoritariamente na pequena imprensa, na qual colaborou do começo ao fim de sua trajetória como escritor, pois em jornais como *O Debate*, *ABC*, *A Voz do Trabalhador*, *Lanterna*, *Floreal*, entre outros, ele poderia, apesar da modesta remuneração, escrever com mais autonomia e liberdade, expressando suas concepções sem maiores transtornos. Para Barreto a prioridade não era ganhar dinheiro com o trabalho literário, mas orientar, doutrinar e defender o interesse público. Seus interesses pessoais não se ligavam necessariamente em alugar a pena, mas sim em obter reconhecimento nacional como escritor. Como afirma Maria Cristina Machado, Lima Barreto fez da literatura o objetivo máximo de sua vida, vendo-a como possibilidade de reconhecimento social. O

cronista não perdia oportunidade de reivindicar o título de literato e defender seu interesse com a literatura, “por mais que não queiram, eu também sou literato e o que toca as coisas de letras não me é indiferente” (BARRETO, 2004, p. 303). Por isso se via no direito de criticar o literato:

[...] que só se preocupou com o estilo, com o vocabulário, com a paisagem, mas que não fez do seu instrumento artístico um veículo de difusão das grandes idéias do tempo, em quem não repercutiram as ânsias de infinita injustiça dos seus dias; em quem não encontrou eco nem revolta o clamor das vítimas da nossa brutalidade burguesa, feita de avidez de ganho, com a mais sinistra amoralidade para também edificar, por sua vez, uma utopia ou ajudar a solapar a construção social que já encontrou balançando. Em anos como os que estão correndo, de uma literatura militante, cheias de preocupações políticas, morais e sociais, a literatura [...] ficou sendo puramente

contemplativa, estilizante, sem cogitações outras que não as da arte poética, consagrada no círculo dos grandes burgueses embotados pelo dinheiro. (BARRETO, 2004, p. 303)

De acordo com Cristiane Costa, não são apenas laços econômicos que ligavam produção literária e jornalismo, havia outros fatores não menos importantes que mediavam o encontro entre os dois campos, como o *status* social, o poder de alcance do jornal, o espaço para exposição de princípios e formação cultural, a ascensão social, etc.

Como resultado do encontro entre literatura e jornalismo, acentuou-se a diferenciação da literatura acadêmica com a literatura praticada no jornalismo, pouco compromissada com a cultura literária, suas escolas e tendências. Isso gerou uma crise, ou melhor, um embate na

escritura literária entendida, pejorativamente, como pré-modernista. Se, antes do denominado pré-modernismo, as lutas entre escolas literárias eram intensas, durante esse período, as atenções se voltavam para a questão da arte pela arte em confronto com a arte encomendada, feita pelos espólios materiais e simbólicos proporcionados pelo jornalismo. Para Cristiane Costa:

Se a Belle Époque tropical é considerada um período de estagnação literária, em termos estritamente estéticos, por outro lado ela desenvolveu as condições sociais para a profissionalização do trabalho intelectual. E também para sua massificação. Ao contrario do que sonhavam os escritores, porém, essa profissionalização se daria não por meio da arte, a literatura, mas do jornalismo, a indústria. Mudanças econômicas, sociais, tecnológicas e demográficas permitiram a proliferação de jornais na virada do século, criando centenas de emprego. E formando

um publico para literatura nacional. (COSTA, 2005, p. 24)

A imprensa havia tirado o escritor e intelectual brasileiro da marginalidade e do não reconhecimento. Em contrapartida, obrigou-o a se adaptar a rígidos padrões de produção intelectual, transformando o escritor-artista em escritor profissional, que nem sempre escreve pela convicção, mas pelo negócio; que nem sempre escreve pela inspiração, mas pela obrigação de atender às exigências do periódico. Os escritores se viram diante da obrigatoriedade de ter que fazer uma crônica todos os dias, ou toda semana, sob a pressão característica dos jornais e revistas. Os cronistas escreviam sobre praticamente todos os assuntos corriqueiros, até mesmo sobre a própria falta de assunto para fazer a crônica. Como fez Bilac:

Senta-se um homem a mesa, disposto a cumprir, com pontualidade e consciência, o seu dever de cronista, põe diante de si as folhas virgens de papel, empunhada a caneta, e começa a recordar-se do que encheu a semana: suicidou-se ontem, bebendo uma larga dose de ácido fênico. Nisto, com estrépido, o vento encarna a janela, trazendo consigo o cheiro suave das rosas do jardim, e dispersa as folhas de papel, e revoluciona tudo. Agora o pássaro começa a cantar alto, na glória da manhã radiante... Por que é que há de haver gente que se mate? Por que é que há de haver guerra em Porto Rico? Por que é que há de haver fome na Bahia? Por que é que um homem há de ser obrigado a pensar nessas cousas feias, quando Maio desenrola lá fora todo seu fulgor?

Dez da manhã... é cedo ainda para suar sobre o papel... Vamos! Um bom livro e um banco de pedra no jardim... e o livro fica abandonado sobre os joelhos, e o pensamento sai por aí além, vagabundo, sem destino, voando sempre todos os assuntos,

sem se demorar em nenhum. [...] Meio dia... Vamos lá escrever o diabo desta crônica! Mas o estomago chora: é preciso contentar o coitado... E, ao fim do almoço, acendendo o charuto, olhando enjoado a mesa do trabalho, dando um olhar a rua, vendo a alegria do sol e das árvores, - santo Deus! Como há de a gente recapitular o que encheu a semana? Não! Fique o povo sem crônica! (BILAC, 2006, p. 272-274)

Falta de assunto, que diríamos ser na verdade excesso de possíveis temas para uma boa crônica, ou mesmo falta de entendimento ou simpatia dos cronistas por determinadas pautas que se impunham como prioridade naquele momento e careciam de comentários. Fazemos tal afirmação porque os cronistas são narradores dos fatos do cotidiano, dinâmico demais para não proporcionar assuntos. Conforme elucida Lima Barreto, os cronistas, em certos casos, obrigados

pela natureza da profissão, são chamados a avançar julgamentos precipitados, improvisados sobre questões de que não conhecem os mais simples elementos.

A obrigatoriedade de escrever um texto todo dia exige muito esforço intelectual dos especialistas no gênero, que preenchem o despreparo acerca de algum tema ou a falta de inspiração (não de assunto), escrevendo sobre qualquer coisa, sobre tudo e, às vezes, sobre nada. Os cronistas são peritos em tudo e ao mesmo tempo em nada, e se esforçam para não se tornarem previsíveis, escrevendo crônicas idênticas a outras, num esforço quase inútil. Nesse gênero, não há tempo para burilar as palavras, o tempo é curto. Por isso, é necessário que o cronista tenha habilidade, técnica, experiência na arte da escrita, pois somente inspiração não basta; a luta do

cronista não é apenas com o excesso de assunto e o tempo curto, é também uma luta contra o espaço pré-determinado pelo jornal.

O ritmo de trabalho dos jornalistas era tão apressado que surgem aqueles que não reconhecem a atividade de escritor como uma profissão, mas como o artista da escrita, fazendo oposição aos escritores jornalistas, pois a escrita apressada não era ainda totalmente incorporada pela literatura, fato que só ocorre com o Modernismo. O poeta Gustavo Santiago é um exemplo dessa forma de pensar, ao ser indagado por João do Rio sobre a influência do jornalismo sobre a arte literária e a relação entre elas, diz:

Encarando-o sob o aspecto da prática, do exercício, considero-o dos piores. A facilidade com que o público aceita quando se lhe dá; a maleabilidade de espírito necessária no jornalista para o enfrentamento

das questões as mais diversas; a pressa com que se é obrigado a trabalhar na redação, a atender à urgência da hora; a banalidade e leveza de comentários, a que se é forçado – são elementos nocivos, que acabam esterilizando, matando o homem de letras. [...] no jornalismo a nota predominante é o bom senso, a chapa, o lugar comum, o cachet prontinho, tudo como sempre e como em toda parte, e isso é a asfixia lenta da originalidade de cada um, o assassinato frio e pausado do poder criador peculiar a cada individualidade. Eu poderia exemplificar, mas as horas adiantam-se... (SANTIAGO, 2006, p. 200)

Ao passo que literatura e jornalismo se confundiam, acentuava-se a dicotomia entre arte e dinheiro, um esforço de distinção entre o literato interessado na arte pela arte e o escritor-jornalista, embate entre o ideal de produzir simplesmente pelo prazer e a possibilidade de

produzir pelo dinheiro. Os intelectuais pareciam aderir à lógica de que o escritor que não vende seu talento era o modelo ideal de artista, porém o modelo ideal estava muito distante do real. A profissionalização do escritor não se deu por essa purista via literária, como esperavam os sonhadores, mas pelo jornalismo indústria que incluiu a arte em seu bojo. Veja como Medeiros e Albuquerque pensava a preocupação de alguns intelectuais com o jornalismo:

A prevenção dos literatos contra o jornalismo é a mesma dos pintores de quadros pelos de tabuletas, dos escultores pelos marmoristas... Sempre que uma profissão usa dos recursos de qualquer arte para fins industriais, os cultores da arte se indignam e depreciam sistematicamente os profissionais, que assim se põe na sua vizinhança. Quanto mais o emprego dos meios é o mesmo e há, portanto, perigo de serem as vezes confundidos, mas

também os artistas ostentam o seu desprezo e procuram cavar um fosso profundo entre os dois domínios. O marmorista faz às vezes estátuas que muitos escultores lhe invejariam.

Com o jornalismo sucede o mesmo. Como os jornalistas têm de ser prosadores, os artistas da palavra escrita, achando que eles a empregam para fins de imediata utilidade, procuram desdenhá-los. Demais, no afã da vida moderna, que nem a todos dá tempo para as lentas meditações, o jornal se fez um concorrente temível do livro. Daí o ciúme, a inveja. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 58)

Diante desse quadro que afetava diretamente a prática da escrita, fez-se necessário saber como se configurava essa relação entre literatura e jornalismo, até que ponto eram complementares ou excludentes. Em 1904, João do Rio coloca em prática a idéia sugerida por seu companheiro de profissão, Medeiros e

Albuquerque, de criar um questionário com os principais intelectuais do período, na tentativa de fazer um balanço da vida literária brasileira naquela ocasião. Esse documento sobre a vida intelectual brasileira, na virada do século XX, demonstrou como as opiniões estavam divididas sobre a questão do encontro do jornalismo com a produção da arte literária.

Quando o livro foi publicado, em 1908, com 36 depoimentos dados a João do Rio pelos escritores mais destacados na perspectiva do jornalista, Olavo Bilac foi o primeiro a expor o que pensava a respeito da literatura. Lima Barreto não foi sequer cogitado a participar do projeto entre os figurões. As opiniões dos dois sobre essa polêmica também revelam como ambos pensavam a função da crônica. Olavo Bilac, diante da pergunta se o jornalismo é um bem ou

um mal para literatura, respondeu:

O jornalismo é para todo o escritor brasileiro um grande bem. É mesmo o único meio do escritor se fazer ler. O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal – porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade. O jornal é um problema complexo. Nós adquirimos a possibilidade de poder falar a um certo número de pessoas que nos desconheceriam se não fosse a folha diária; (BILAC, 2006, p. 19)

A resposta de Bilac não haveria de ser diferente, já que foi um dos intelectuais que viveu mais intensamente a vida jornalística. Em sua opinião, a arte não poderia se isolar como um trabalho à parte das outras coisas da vida humana: o poeta, romancista ou qualquer outro artista não poderia se fechar na própria arte ou em si mesmo,

ficando indiferente às questões que se desenrolam fora dela. O que era produzido na imprensa, mesmo sendo pago, era também arte literária, o cronista evitava fazer tal distinção, se limitava a distinguir o que era puramente jornalístico do que era literatura no jornal. Naquele contexto, não haveria melhor conceito de arte do que a feita na imprensa, pois era naquele espaço que ela poderia se misturar às preocupações humanas da existência, interferindo e se sujeitando às interferências do seu meio de atuação. Portanto, para Olavo Bilac, o jornalismo era, para a literatura, um “*grande bem*”.

No entanto, Bilac considerava seu vínculo com o jornalismo um misto de má consciência e fatalismo, ou seja, algo inevitável. O cronista reconhecia o predomínio da imprensa empresarial que abriu as portas para os homens de letras,

para ganharem dinheiro e se sustentarem com as crônicas, como para difundirem sua produção literária, aumentando seu público leitor. Numa de suas crônicas ele retrata, numa espécie de justificativa, a razão pela qual se dedicou tão inteiramente ao jornalismo, para isso utilizou a personificação do diabo, que lhe disse:

Negar o princípio do bem, seria negar também o princípio do mal, e eu não quero absolutamente que se duvide da minha existência...

Quero dever-te um favor. É que aproveites o teu primeiro folhetim para escrever ao menos meia dúzia de vezes o meu nome.

Porque não tem os homens coragem de dizer e de escrever francamente este nome de diabo, tão adorado em silêncio, tão venerado e com tanta razão venerado e adorado, – uma vez que é o Diabo quem dá aos homens o gozo e o lucro – essas duas fontes de felicidade na terra?

O cronista, timidamente, perguntou que recompensa teria, se cumprisse as ordens de S. Ex..

S. Ex. pensou um pouco, e respondeu, com uma gargalhada:

_ para te recompensar, condeno-te a escrever cousas para as folhas durante toda a tua vida, tenhas ou não tenhas assunto! estejas ou não estejas doente! Queiras ou não queiras escrever!

E desfez-se no ar. E mais nada. E quem quiser que entenda estas quatro tiras de papel almaço! (BILAC, 1897)

Nessa conversa do cronista com a personificação do diabo, Olavo Bilac expressou como era sua relação com o jornalismo. Ele utilizou a representação do bem e do mal como se falasse sobre a literatura e o jornalismo, de maneira que uma não viveria sem a outra, ou seja, por mais que se quisesse negar o jornalismo, ele era fundamental à literatura. Em contrapartida,

ela ajudou a construir o jornalismo e estava bem presente neste, sendo inútil a tentativa de negar que as crônicas, sonetos e folhetins feitos para imprensa eram literários. Na citação acima, a figura do diabo representa a imprensa, vista como a provedora do *gozo* e do *lucro* aos homens de letras, mas que, em troca das recompensas, exige que os homens de letras escrevam para as folhas impressas mesmo contra a própria vontade, ou mesmo quando for necessário contrariar seus próprios princípios e convicções.

Bilac, com certo mal-estar, demonstrava que o ofício de cronista era, ao mesmo tempo, uma recompensa e uma condenação, para se ter uma era preciso aceitar a outra, ele aceitou ambas. A própria crônica declarava que, a partir daquele momento, Bilac continuaria a viver do seu trabalho para as folhas, pois ela era a concretização do

acordo firmado com a figura do diabo, já que nela tinha escrito seis vezes o seu nome. Ainda que, com peso na consciência, aceitou a proposta de viver do talento, mesmo sabendo que através dele contentaria vaidades e acataria ordenanças de pessoas e projetos que não aprovava. De certa forma, ele cria que tal sujeição era parte do trabalho daqueles que, como ele, almejavam obter lucros reais com a pena. Silvio Romero reafirma o que Bilac dizia sobre nem sempre escrever aquilo que acredita, pois a crônica não poderia divergir da posição assumida pelo impresso. Sobre isso ele dizia: “quanto à literatura que publicamos nos jornais, lembra os livros impressos no tempo do Santo-Ofício. Não tem o visto da inquisição, mas tem o visto do redator-chefe” (ROMERO, 2006, p. 49).

Os escritores que desejavam melhores

salários e favores diversos deveriam se identificar com os interesses políticos do jornal para o qual escreviam. Embora tenha se entregado a produzir crônicas irrestritamente para os periódicos e a defender as qualidades da profissionalização intelectual por essa via, o cronista dizia que se algum jovem escritor lhe pedisse um conselho o orientaria da seguinte forma: “ama a tua arte sobre todas as coisas e tem a coragem, que eu não tive, de morrer de fome para não prostituir o teu talento!” (BILAC, 2006, p. 20).

Por sua vez, Lima Barreto, em sua rápida passagem pela *Revista da Época*, demonstrou como seria sua postura em relação a vender a opinião. O cronista foi levado para *Revista da Época* por Carlos Viana, um colega dos tempos da Escola Politécnica, que era o principal responsável pela revista. De acordo com Francisco de Assis

Barbosa, o periódico sobrevivia custosamente da publicidade e precisou, em 1904, de empenhos de homens políticos para manter sua periodicidade. Lima Barreto era secretário e redator da revista, mas pediu demissão por se recusar a tecer elogios aos mandarins da política, em específico a Vicente Machado da Silva Lima, então governador do Paraná.³ Interessante observar, como mostra Francisco de Assis Barbosa, que, nessa revista, Lima Barreto tinha liberdade de não assinar os textos; mesmo assim, recusou-se a enaltecer políticos que não aprovava. No mês seguinte, saiu a seguinte nota na *Revista da Época*:⁴

Lima Barreto o nosso querido companheiro,

³ Carta enviada a Carlos Viana, em 28/02/1904, por Lima Barreto. BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Lima Barreto: Correspondência*. São Paulo: editora brasiliense, 1956. p. 51.

⁴ *Revista da Época*. Rio de Janeiro. 03/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

em razão de acúmulo de trabalho deixa o secretário da revista que com tanta dedicação exerceu, continuando entretanto a redigir as suas apreciadas crônicas que têm sempre constituído um great attraction para os nossos amados leitores. Assume o cargo de secretário o nosso distinto companheiro de redação José Veríssimo Filho.

Lima Barreto, apesar de não se desligar completamente da revista, escrevia apenas aquilo que sua consciência o permitia escrever e recebia por essas colaborações, fundamentais em seu orçamento financeiro. No ano seguinte, colaborou, também por pouco tempo, no *Correio da Manhã*, possivelmente levado por Pausílipo da Fonseca ou Bastos Tigre, também amigos da escola politécnica. Sua breve experiência acabou por aumentar a revolta do cronista, que resultou, anos depois, no romance *Recordações do Escrivão*

Isaias Caminha, que atacava, com severidade, o jornal e alguns dos nomes que Lima Barreto havia tomado como inimigos dele e da boa reputação, como Edmundo Bittencourt, João do Rio, Coelho Neto e outros.

Baseado em contribuições de Nelson Werneck Sodré, de Tânia Regina de Luca e no próprio romance *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, podemos concluir que a não adaptação de Lima Barreto ao *Correio da Manhã* e sua frustração com o jornal se deu, em grande parte, porque este jornal, dirigido por Edmundo Bittencourt, apoiava, no começo, a pequena burguesia urbana, as camadas populares e, por esse caminho, se transformou em jornal empresa. Foi no *Correio da Manhã* que Lima Barreto mais sentiu e identificou a transformação da imprensa. Numa crônica publicada para o jornal *Gazeta da*

Tarde, o cronista comentou sobre os problemas que sua letra ilegível lhe causava; Lima Barreto se referia, na verdade, ao conteúdo de suas crônicas. Seguindo esse raciocínio, o cronista afirmava que sua produção o impedia de se tornar um escritor renomado, era ela a responsável pelos sofrimentos e humilhações que passara em alguns jornais. Dizia ainda ser ela a responsável por suas inimizades. Sua escrita não condizia com a época, mesmo assim se recusava a mudar de letra, ou melhor, mudar o conteúdo de seus textos para assim poder gozar de maior prestígio. Ele dizia:

Minha letra é um bilhete de loteria. As vezes ela me dá muito, outras vezes tira-me os últimos tostões da minha inteligência. Estou nessa posição absolutamente inqualificável: um homem que pensa uma coisa, quer ser escritor, mas a letra escreve outra coisa e asnática. Que hei de fazer? [...] abandonei

todos os caminhos, por esse das letras; e o fiz conscientemente, superiormente, sem nada de mais forte que me desviasse de qualquer outra ambição; e agora vem essa coisa de letra, esse ultimo obstáculo, esse premente pesadelo, e não sei o que hei de fazer! O mais interessante é que a minha letra, além de me ter emprestado uma razoável estupidez, fez-me arranjar inimigos. Não tenho a indiferença que toda a gente tem pelos inimigos; se não tenho medo, não sou neutro diante deles; mas isso de ter inimigos só por causa da letra, é de espantar, é de mortificar. (BARRETO, 1911)

O cronista não era contra a profissionalização do trabalho intelectual via jornalismo, entendia que o escritor era um profissional como outro qualquer. Apesar de ter uma tendência, ou preferência, para que o literato fosse reconhecido e pudesse viver da sua pena sem necessariamente ter que passar pelo jornalismo,

ele não via com maus olhos o fato de ter um ordenado pelo labor na imprensa. Nada mais justo para ele do que sobreviver daquilo que sabe e gosta de fazer, se o caminho mais próximo era a imprensa, que fosse nela então o cumprimento desse sonho. Como vimos, ele mesmo buscou trilhar esse caminho e o fez até a sua morte. O que Barreto não concordava era que o amor aos benefícios proporcionados pelo jornalismo fosse maior do que o amor pelas letras, pela literatura. Apoiava a idéia de vender o talento, mas era absolutamente contrário à venda da opinião.

Em 1916, por exemplo, Lima Barreto iniciou sua colaboração no *ABC*, um semanário político. No entanto, três anos depois, inesperadamente, ele abandonou o periódico acusando-o de ter publicado um artigo contrário aos negros, recusando-se, pois, a colaborar em

um jornal que fosse contra os seus princípios e a sua própria cor. Pouco tempo após sua saída, o *Jornal* apresentou desculpas e explicações para o cronista para que ele retomasse suas colaborações.

Barreto colaborou assiduamente nos jornais e revistas, sustentou sua família e pagou grande parte de suas despesas graças as mais de quinhentas crônicas que escreveu. Teve oportunidades na grande imprensa, mas foram raros os momentos em que o fator econômico ou a troca de favores preponderaram sobre suas convicções. Tudo indica que o cronista viveu radicalmente aquilo que pregava, sem temer os prejuízos e represálias (BARRETO, 1993, p.119), fazendo clara separação e oposição entre simplesmente viver do ofício de escritor e ter lucros reais com o trabalho. Lima Barreto era contra a corrupção literária. Ele afirmava:

O que todos nós desejamos, o que todos nós queremos, é tirar da nossa vocação aquilo com que viver. Seria contradição nossa pedir a fortuna, a riqueza, a abundância dos Carnegies, dos Reockefellers, ou mesmo, do Senhor Afrânio Peixoto. Todo o nosso desejo é viver de acordo com a nossa consciência, com as nossas inclinações; e, quando se sonha desde menino semelhante ideal, tudo quanto o não sirva, nos constrange, nos aborrece, nos mata e aniquila. No Brasil, quem é, de fato, escritor, literato, ama as letras pelas letras, há de sofrer impiedosamente e subir o seu Calvário de glória e de amor. (BARRETO, 1915)

Não havia distinção entre a literatura feita na imprensa e a literatura feita fora dela, o cronista acreditava que ambas cumpriam o mesmo propósito, o de ajudar a promover o bem comum. Por isso, Barreto protestava contra

a produção de alguns cronistas que, em sua opinião, deturpavam a real noção de literatura, bem como a função do intelectual. Sua postura contrariava a grande imprensa empresarial e os “mandarins da literatura”, justamente por que eles se valiam da crônica para cumprir o papel de defender o interesse de personalidades poderosas, como se fosse o interesse do país, prestando um desserviço à literatura e à sociedade brasileira. Em várias crônicas, Barreto denunciou aqueles que colocavam a pena a serviço da elite carioca, fazendo da literatura puramente um negócio, sem “*sinceridade e independência*” (BARRETO, 1919). Não era contra o fato de se produzir por dinheiro, não colocava isso em oposição ao produzir pela inspiração, desde que o produzir por dinheiro não representasse corromper a integridade e as convicções. Ainda que pelo retorno

financeiro ou pelo *status*, a literatura não poderia deixar de ser instrumento de conscientização e de orientação da sociedade.

Para Barreto, não se tratava de saber se o jornalismo era um bem ou um mal para a literatura, mas sim como os indivíduos utilizavam equivocadamente tanto a literatura como os periódicos. Nesse sentido, Barreto reduzia os ilustres homens de letras, que aceitavam qualquer tipo de trabalho desde que bem pago, para enaltecer aqueles que, como ele, preferiam o anonimato e a miséria a prostituir sua opinião. O que afligia o escritor era o fato de os jornais mais lidos acolherem justamente aqueles que se dispunham a alugar sua pena e talento a qualquer objetivo escuso, menosprezando os que não se dispunham a isso. Os grandes literatos para ele eram aqueles que tinham como sina escrever para

jornais pouco lidos. No fragmento de crônica abaixo, Lima Barreto explica sua marginalização:

[...] fazer constar ao público brasileiro que literatura é escrever bonito, fazer brindes de sobremesa, para satisfação dos ricos. A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade. Os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte para simples prazer dos ricos. Os que sabiam alguma coisa de letras e tal faziam, eram os histriões; e estes nunca se sentaram nas sociedades sábias... (BARRETO, 2004, p. 319)

Lima Barreto se considerava, na qualidade de escritor, como um mosquito que tira o sono da

burguesia, dos moços de grandes melenas, com seu zumbido contínuo e azucrinador.⁵ A comparação é mesmo pertinente, pois o cronista sempre esteve a incomodar os grandes homens da política, do jornalismo e da literatura, todavia sem conseguir grandes feitos, era mesmo uma luta de gigantes contra o mosquito incompreendido, que voava para perto dos acontecimentos, mas pouco tinha a fazer até ser espantado ou ignorado por aqueles a quem atazanava. Em épocas de higienização, limpeza e saneamento, ser mosquito não devia ser tarefa fácil, pois significava ser mal visto, indesejado e combatido.

Numa crônica escrita para o jornal *Correio da Noite*, o mosquito zumbidor denunciava a falta de independência dos escritores e o destino

5 BARRETO, Lima. *Tagarela*. Rio de Janeiro. 09/07/1903 - 16/07/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

daqueles que, como ele, recusaram-se a abrir mão de suas opiniões. Talvez fosse esta a maior preocupação do cronista: justificar sua não-consagração, em função da postura que decidira assumir em sua carreira.

A covardia moral e mental do Brasil não permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procissão, que só visam lucros ou salários nos pareceres. Não há, entre nós, campo para as grandes batalhas de espírito e inteligência. Tudo aqui é feito com dinheiro e os títulos. A agitação de uma idéia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco. Estou cansado de dizer que os malucos foram os reformadores do mundo. São eles os heróis; são eles os reformadores; são eles os iludidos; são eles que trazem as grandes idéias, para a melhoria das condições da existência da nossa triste humanidade.

O que é preciso, portanto, é que cada qual

respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para própria felicidade da espécie humana. Entretanto, no Brasil, não se quer isto. Procura-se abafar as opiniões, para só deixar em campo os desejos dos poderosos e prepotentes.

Dessa forma, quem, como eu, nasceu pobre e não quer ceder uma linha da sua independência de espírito e inteligência, só tem que fazer elogios à Morte.

Ao vencedor, as batatas! (BARRETO, 1918)

Mesmo diante dos empecilhos, foi esta a postura que Lima Barreto assumiu ao longo de sua vida no jornalismo, como profissional das letras. Ele fazia questão de sempre reivindicar e reafirmar sua imagem de escritor incorruptível e o sofrimento que isso lhe causava.

Bilac e Barreto tinham algumas opiniões semelhantes. Seus atos e trajetórias eram, mais

fundamentalmente, o que os diferenciava um do outro; sobretudo, em relação à profissionalização do trabalho intelectual via imprensa. A principal diferença entre Olavo Bilac e Lima Barreto é que o primeiro aderiu ao jornalismo incondicionalmente, já o segundo impunha algumas condições e, por vezes, pareceu desinteressado pelo aspecto econômico, primando os lucros simbólicos que a crônica lhe proporcionaria.

As conseqüências do elo entre jornalismo e literatura foram: o alargamento do público leitor dos periódicos mundanos e das obras literárias, prestígio social de autores, maior possibilidade de atuação dos escritores e maior poder de alcance na política republicana. Como vimos, o crescimento da imprensa como empresa se relacionou e foi, concomitantemente à urbanização e à industrialização do país, criando condições

para seu envolvimento e proximidade com a organização administrativa da cidade carioca. Com a habilidade de divulgar ideologias, de se envolver com poderes e com a cultura, a imprensa passou a assumir um poder quase inabalável, com uma ubiqüidade que só ela seria capaz. Como Bilac já afirmara, ela se transformou no quarto poder, exercendo certa soberania sobre os outros. Segundo o cronista, “nas democracias modernas, o jornal é o quarto poder, um poder tão forte como os outros e mais temível e tirânico do que eles” (BILAC, 1906). Lima Barreto lamentava que todo esse potencial da imprensa fosse uma força de gente poderosa.

Enfim, foi por essa imprensa das duas primeiras décadas do século XX, a partir da crônica, que Lima Barreto e Olavo Bilac pensaram, reconstruíram e construíram imagens

da cidade. Defendendo projetos e modelos do que acreditavam ser o melhor para a aclamada cidade carioca. Através das crônicas, os cronistas criaram, em muitos cérebros, a impressão de uma sociedade futura, ainda distante e distinta da que estava em formação.

Referências:

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Lima Barreto: Correspondência*. São Paulo: editora brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. Diário Íntimo. In. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías caminha*. São Paulo, Brasiliense, 1978.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand/DIFEL, 1989.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista: ensaios*. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial

do estado de São Paulo.

DIMAS, Antonio. *Vossa Insolência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na segunda república*. Goiânia: Ed. Da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Historia da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 335-336

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 74.

Fontes

Jornais e Revistas

BARRETO, Lima. *A.B.C.* Rio de Janeiro, 19/10/1918 - 11/01/1919. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

BARRETO, Lima. Crônica. In. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro. 09/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

BARRETO, Lima. Essa minha letra. In. *Gazeta da Tarde*. 28/06/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

BARRETO, Lima. *Tagarela*. Rio de Janeiro. 09/07/1903 - 16/07/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro, 05/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18/04/1897. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Revista da Época. Rio de Janeiro. 03/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Livros de Crônicas

RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica: Volume I* (1890-1919). Rio de Janeiro, Agir, 2004.;

RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume II* (1919-1922). Rio de Janeiro, Agir, 2004.

DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 1*. São Paulo: Ed. Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial, 2006.

DIMAS, Antonio. (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 2*. São Paulo: Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial. 2006, p. 227.

Artigo recebido em: 16/05/2011
Aceito para publicação: 25/08/2011